

A vida ancestral em conflito com os processos históricos de Moçambique: uma possível leitura do conto “O Regresso do Morto”, de Suleiman Cassamo

Laiz Colosovski¹

RESUMO: O presente texto tem por objetivo analisar como se configura o embate entre o pensamento e as vivências tradicionais africanas e o contexto histórico de Moçambique na literatura de Suleiman Cassamo. Através do estudo do conto “O Regresso do Morto”, que encerra o livro homônimo do autor, tentaremos compreender como a figura do ancestral e a elaboração da morte no entendimento africano apreendem, no conto em questão, uma realidade causada por um duro processo histórico.

ABSTRACT: This paper aims to examine the configuration of the struggle between the thought and the traditional African experiences and the historical context of Mozambique in the work of Suleiman Cassamo. Through the study of the short story "The Return of the Dead", which closes the eponymous book of the author, we intent to comprehend how the figure of the ancestral and the death in the African understanding can apprehend a reality caused by a tough historical process.

PALAVRAS-CHAVE: Ancestralidade; Morte; Tradição africana; Suleiman Cassamo; Moçambique.
KEYWORDS: Ancestrally; Death; African Tradition; Suleiman Cassamo; Mozambique.

Em 1989, o livro *O Regresso do Morto* é publicado pela Associação dos Escritores Moçambicanos. Nessa pequena obra composta por dez contos curtos, Suleiman Cassamo nos apresenta a situações cotidianas em que o pensamento tradicional africano e suas vivências se confrontam com a realidade histórica e social de Moçambique .

O presente texto pretende compreender como se configuram, na literatura de Cassamo, os embates entre as tradições africanas relacionadas à simbolização da morte e à elaboração do ancestral e os processos históricos moçambicanos. Com essa finalidade, discutiremos o conto “O Regresso do Morto”, que dá nome ao livro, sempre buscando localizar a obra e os temas de Cassamo no contexto histórico e literário de seu país.

A formação da Literatura Moçambicana encontra-se intimamente ligada à construção de uma identidade e unidade nacionais. O modo como a administração colonial promovia o apagamento cultural e a desvalorização das populações autóctones através das políticas de assimilação, do estatuto do indigenato e das escolas rudimentares, gerenciadas pelas missões religiosas, condenavam a grande maioria da

¹ Mestranda na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo – FFLCH/USP.

população nativa ao trabalho compulsório, que garantia manutenção do sistema colonial. Apenas uma ínfima parcela dessa população conseguia passar pelo humilhante processo de assimilação, que exigia a adoção dos modos de vida europeus e o domínio da língua portuguesa. O status de assimilado permitia que o nativo estudasse em um Liceu, ao invés de frequentar as escolas rudimentares, e trabalhasse em empregos melhores, muitas vezes junto à própria administração colonial, mas sem nunca ser reconhecido como cidadão detentor de direitos.

Com o acirramento das tensões políticas no início do século XX, essa pequena parcela de assimilados, em conjunto com uma intelectualidade crescente, começam a fomentar a ideia de uma nação Moçambicana independente e unificada, bem como uma literatura preocupada em resgatar os valores culturais comuns entre os diversos povos moçambicanos, tendo em vista a luta contra a situação colonial. A criação de jornais como *O Africano*, em 1908 e *O Brado Africano*, em 1918, abrem espaço para o surgimento de grandes nomes como Noemia de Souza, José Craveirinha e Rui de Noronha, entre muitos outros autores que deram início a uma literatura nacional moçambicana em língua portuguesa.

Afinada com a conjuntura política dos movimentos de libertação, não é por acaso que o português torna-se a língua oficial da escrita literária e dos novos moçambicanos. A escolha e valorização do português como língua oficial em Moçambique teve uma função unificadora, já que havia inúmeros povos, culturas e línguas distintas espalhadas pela região, e que precisavam ser unidos sob uma mesma identidade nacional. Segundo discurso da própria FRELIMO, transcrito por Armando Jorge Lopes:

Não existe língua de maioria em nosso País. Escolher uma das línguas moçambicanas como língua nacional seria uma opção arbitrária que poderia ter sérias consequências... Fomos por isso forçados a utilizar o Português como a nossa língua de ensino e para comunicação entre nós. (LOPES, 2006, p. 36-37)

Conquistada a independência em 1975 e instituída a língua portuguesa como língua oficial, uma longa e desastrosa guerra de desestabilização se instaura em Moçambique. Mesmo com a guerra, que se arrastou ao longo dos anos de 1976 até 1992, surgem textos literários em português voltados para a construção e reflexão dessa pátria recém formada. Os textos de Mia Couto, Paulina Chiziane, Ungulani Ba Ka Khosa, Marcelo Panguana e muitos outros discutem o trauma das guerras e as

dificuldades do pós independência, refletindo sobre as condições políticas, sociais e culturais de Moçambique.

Sendo a palavra um elemento de grande valor dentro das culturas bantu, a produção da Literatura Moçambicana, em português, adquire um forte caráter inicial de luta, de oposição e de denúncia contra o regime colonial imposto, fazendo da língua do colonizador uma arma de guerra contra os desmandos coloniais. Conquistada a independência, essa literatura passa a refletir sobre o processo de constituição de Moçambique e seus diversos fatores.

Entretanto, assim como a própria colonização, a penetração da língua portuguesa no território hoje chamado Moçambique foi bastante irregular e com mais ou menos intensidade em algumas áreas. Atualmente, observamos uma situação multilinguística no país, na qual é possível perceber que se por um lado foi necessário o uso do português para a construção de uma identidade nacional, hoje já não se pode ignorar o fato de que as populações moçambicanas não abandonaram suas línguas de origem, que inclusive contribuem imensamente para a reinvenção do português na literatura.

Suleiman Cassamo, nascido no ano de 1962 em Marracuene, é um destes escritores que realiza a mistura do Português com sua língua materna, o Ronga. Seus três livros publicados – além dos contos de *O Regresso do Morto* (1989), temos o livro de crônicas *Amor de Baobá* (1997) e o romance *Palestra para um Morto* (1999) – tratam de situações cotidianas ligadas a um descompasso entre a vida moderna, em desenvolvimento nos centros urbanos como Maputo, e as vivências tradicionais das comunidades no interior do país, nas quais a própria língua portuguesa ainda não tem grande penetração. Em sua obra, a noção de uma vivência ancestral, do diálogo com os mortos e a influência que esse sistema simbólico tem diretamente na vida cotidiana das populações moçambicanas parecem estar em permanente choque com as condições de vida geradas pelo complexo e violento processo histórico que deu origem ao país.

Ao mesmo tempo, ao representar esses conflitos em situações quase banais, Suleiman também resgata e valoriza elementos das culturas ancestrais, que sofreram tentativas sistemáticas de apagamento e de desvalorização ao longo dos séculos de colonização. O conjunto da obra de Suleiman possui narradores muito particulares que misturam vocabulários e estruturas da língua africana ao português, aproximando-nos dos modos de narrar tradicional nas culturas orais. Essas narrativas tradicionais estão, em sua maioria, ligadas à transmissão de experiências, ensinamentos e costumes de determinados povos, e utilizam técnicas de memorização, como a repetição de palavras

e o uso de provérbios e de estruturas rítmicas. A respeito disso, José de Souza Miguel Lopes escreve:

O narrador não acha dificuldades em introduzir em suas narrativas todos os objetos novos (...). Fala de espingardas e de canhões, de casas quadradas e de fatos e objetos com os quais os antigos contistas nem teriam sonhado (...). Os contos bantu são muito antigos, pelo menos os materiais que os formam. Mas são feitos de uma substância plástica, o que permite aos narradores aí operarem, inconscientemente, importantes e incessantes modificações. (LOPES, 2003, p. 287)

Desse modo, a língua portuguesa, anteriormente utilizada pelos portugueses como instrumento de dominação cultural ao qual poucos africanos tinham acesso, acaba sendo remodelada e reconstruída na literatura de Cassamo de modo a se tornar um dos veículos possíveis para o resgate de elementos das culturas orais, e também de representação e reflexão da realidade social e cultural vivida atualmente, como poderemos observar em “O Regresso do Morto”.

A dedicatória do conto (“*Aos magaiça, va mafelandlelene*”²) é feita aos chamados Contratados, trabalhadores que migravam para países vizinhos para trabalhar, geralmente, nas minas de diamante e pedras preciosas, recém-descobertas na África Austral. Com o desenvolvimento econômico acelerado dessa região e o controle ainda frouxo que Portugal exercia sobre os estados africanos no início de 1880, o sul de Moçambique foi largamente impactado no que se refere ao fornecimento de mão-de-obra. Como o controle colonial ainda não estava plenamente estabelecido, os trabalhadores tinham relativa liberdade para escolher um trabalho, e a punjança das minas de ouro e pedras preciosas, embora oferecessem condições de trabalho precárias e salários baixos, ainda sim pagavam melhor que os incipientes trabalhos oferecidos pela administração colonial. De acordo com Yusuf Adam:

Nesta fase, o desenvolvimento capitalista colonial tinha chegado a um ponto em que não era possível avançar sem uma reestruturação política para acompanhar as transformações econômicas já iniciadas. Isso era particularmente importante em relação à mão-de-obra cuja organização, antes da imposição do controle administrativo, era anárquica. Do ponto de vista capitalista, no início da agitada fase do desenvolvimento das minas, os trabalhadores tinham bastante liberdade para escolher seu emprego e decidir se trabalhariam ou não para empregadores coloniais. (ADAM, 2000, p. 359-360.)

A partir de 1885, com a conferência de Berlin e a partilha da África, surge a necessidade de ocupar e controlar efetivamente os territórios que haviam sido

² “Aos mineiros quando regressam, aos que morrem pelo caminho” (CASSAMO, 1997, p. 81)

declarados como de Portugal, e a administração colonial começa a implementar o controle mais acirrado da circulação de trabalhadores, ao mesmo tempo em que fomentava os laços econômicos com a África do Sul para importação de produtos.

Sendo assim, grandes massas de trabalhadores do sul de Moçambique aderiram ao trabalho nos países vizinhos, seja para fugir dos trabalhos forçados que começavam a ser impostos por Portugal a partir de 1885, seja pela esperança de conquistar, em território estrangeiro, as riquezas e posses que não conquistariam em suas terras, já que Moçambique, naquele período, não oferecia muitas oportunidades de subsistência. Entretanto, devido as péssimas condições de moradia e alimentação e o fato de as remunerações serem extremamente baixas, poucos eram os contratados que conseguiam retornar vivos à suas terras de origem, e muito menos com riquezas conquistadas.

A descoberta dos jazigos de diamantes na república bôer do Transvaal ocasionou uma profunda transformação socioeconômica no sul de Moçambique ao fazer que (...) a venda da força de trabalho se tornasse bem mais atrativa do que a comercialização de produtos do trabalho. (CABAÇO, 2009, p. 60)

O conto em questão flagra justamente o momento de retorno de um desses contratados, chamado Moisés, após anos longe de sua família. Como ao longo desses anos a única notícia que chegara aos ouvidos de seus familiares fora a de sua morte, seu retorno causa um espanto na personagem de sua mãe, que pode ser lido não somente como uma simples surpresa pelo inesperado reencontro, mas sim como espanto de uma mãe que está inserida em uma cultura na qual o culto aos antepassados e aos mortos é bastante forte e, portanto, ver uma pessoa dada como morta retornar poderia representar um fenômeno bastante intenso dentro dessa lógica.

Para compreendermos melhor essas questões presentes na narrativa, precisamos refletir brevemente sobre como a morte é entendida, de modo geral, no continente africano sub-saariano. Segundo Fábio Leite, o ser humano, na concepção do pensamento africano, é composto pela síntese de pelo menos três elementos vitais: o corpo, matéria física pela qual nos fazemos presentes no mundo visível; o princípio vital da animalidade e espiritualidade, que diz respeito à energia individual que nos anima e nos permite vivenciar sentimentos e emoções; e o princípio vital da imortalidade, que representa uma dimensão mais histórica e social do ser humano, ligada também às questões ancestrais, pois é esta dimensão que permanece após a morte. (LEITE, 1995/1996, p. 8-9)

Portanto, a constituição dos seres humanos está fundamentalmente ligada ao mundo invisível, e essa ligação entre o mundo visível e invisível é primordial e precisa ser mantida em equilíbrio constante para que ambos possam conviver em harmonia e sem prejuízos de energia.

A morte, neste sentido, é vista como um fator de desordem, de desagregação dos elementos vitais e de separação de energia. Portanto, quando uma pessoa morre diversos rituais devem ser realizados para que os elementos vitais dessa pessoa se desagreguem, encaminhem-se com segurança para o mundo invisível e lá se reconstituam, a fim de que essa pessoa possa viver sua vida ancestral sem a perda de energia, mantendo o equilíbrio entre os mundos. É justamente pela manutenção desse equilíbrio que é dada tanta importância aos ritos de passagem, feitos logo após a morte, e aos ritos de permanência, realizados algum tempo após o óbito, pois se acredita que os elementos vitais possuem um tempo de desagregação que deve ser respeitado.

Pensando nessas questões, podemos começar a compreender que o espanto provocado na personagem da mãe ao observar o retorno de Moisés pode portar muitas outras significações para além do simples espanto do reencontro de uma mãe com seu filho. Como escreve Fábio Leite:

Segundo os depoimentos obtidos, até que elas não tenham lugar ninguém penetra nesse espaço, o homem permanece em seu “vestíbulo”, carregando as bagagens levadas consigo nessa trajetória, sem poder juntar-se aos ancestrais. Por outro lado, aqueles que não recebem funerais indicam das mais variadas formas a necessidade de sua efetivação, através de sonhos, aparições e mesmo manifestações negativas como doenças, esterilidade, epidemias, secas, etc. (LEITE, 2008, p. 104)

Sendo assim, o retorno de um morto atinge diretamente o equilíbrio e o fluxo natural da passagem da vida visível para a vida ancestral, tão valorizada na tradição bantu. A aparição de um morto no mundo visível demonstra que os ritos de passagem e de permanência não foram bem sucedidos e que a pessoa não conseguiu se reconstituir em sua vida ancestral, o que representa um grave desequilíbrio.

Moisés, dado como morto pela mãe em situação de contrato na África do Sul, não teve as cerimônias funerárias adequadas e, portanto, o acesso ao país dos ancestrais lhe estava negado. De acordo com o pensamento bantu, brevemente descrito acima, é possível fazer a leitura de que a mãe de Moisés realmente vê um morto de regresso, simbolizando uma falha na passagem da vida visível para a vida ancestral, o que

representa um grande peso simbólico negativo para aqueles que estão imersos nessas culturas.

Narrado em terceira pessoa, o conto sobrepõe a figura do contratado a do morto em diversos momentos, como é possível observar na seguinte passagem.

Os mortos, quando regressam, diziam, trazem a cruz pesada de sua própria tumba dobrando-lhes a coluna. Porém, nunca ninguém os viu de regresso. Mas eis que este retorna. Uma pesada mala de chapa no lugar da cruz. Vem arrastando um par de botas sólidas, a poeira desenhando continentes nas gangas suadas, o olhar sem chama debaixo do capacete: se é que os mortos se cansam, deveria estar muito cansado. (CASSAMO, 1997, p. 83)

Ao aproximar essas duas figuras podemos inferir que se Moisés retorna com vida, tudo o que ele conseguiu trazer de seus anos de contrato foi a morte em si, e não as riquezas sonhadas. Desse modo, o narrador cria uma ponte entre a simbologia da morte e da ancestralidade nas culturas africanas e um duro contexto social vivenciado por boa parte da população ao sul de Moçambique.

É possível notar também a presença de elementos das religiões cristãs no conto, como a cruz levada pelo morto em seu retorno e o próprio nome do personagem, Moisés, que nos remete à figura bíblica que libertou o povo judeu da escravidão no Antigo Egito, e é figura importante para as religiões Judaica, Muçulmana e Cristãs. Vale lembrar que as missões religiosas cristãs gerenciavam as escolas rudimentares no período colonial e, mesmo depois da independência de Moçambique, essas religiosidades não deixaram de estar presentes no país, em maior ou menor grau, misturando sua simbologia à simbologia bantu.

Mesmo estando claramente associado à morte, ao desequilíbrio, ao morto que vaga com suas bagagens sem ter acesso ao mundo ancestral, ainda podemos destacar na figura de Moisés o fato de que ele representa também o contratado que retorna e sobrevive. Sendo esta narrativa a última de um livro de contos em que são descritas situações em que se destacam a resiliência e a persistência das personagens frente às adversidades decorrentes do período colonial, do processo de independência e da guerra de desestabilização, é interessante notar que o livro se fecha com o retorno de Moisés do contrato, reafirmando a ideia de superação de dificuldades que permeia toda a obra.

Por fim, podemos concluir que o conto “O Regresso do Morto” reflete sobre a dificuldade do retorno dos mineiros contratados às suas regiões de origem e sobre os modos de simbolização da morte nas culturas bantu. Sendo muitas vezes a única notícia que chegava às famílias desses trabalhadores, a morte toma forma no conto e

acompanha o contratado em seu retorno, representando ao mesmo tempo um desequilíbrio simbólico nas culturas ancestrais, mas também uma possibilidade de esperança e de superação da realidade social.

A mistura de palavras e estruturas do Ronga com a língua portuguesa, presente em todo o livro, faz com que as narrativas ganhem um ritmo e uma cadência próxima às narrativas orais, já que Cassamo reestrutura a língua portuguesa ao sabor de sua língua materna, fazendo dela veículo de rememoração e de recuperação de elementos das culturas orais bantu, inserindo-se, desse modo, entre os escritores que refletem sobre as condições sociais, culturais e históricas de uma Moçambique independente.

Referências bibliográficas

- ADAM, Yusuf, “O sul e o trabalho migratório”. In: *História de Moçambique – Volume 1 – Parte II*. Direcção de Carlos Serra. Maputo: Livraria Universitária, 2000.
- CABAÇO, José Luis. “A Chegada do Cavalo Pálido”. In: *Moçambique - Identidade, Colonialismo e Libertação*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 27-82.
- CASSAMO, Suleiman. *O Regresso do Morto*. Lisboa: Editora Caminhos, 1997.
- LEITE, Fábio. A morte e a elaboração social do ancestral. In: *A Questão Ancestral: África negra*. São Paulo: Palas Athenas, 2008, p. 104-119.
- LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas In: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*: 18-19 (1): 103 – 118, 1995/1996.
- LOPES, Jorge Armando. Reflexões sobre a situação linguística de Moçambique. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.) *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Alameda, 2006, p. 35-46.
- LOPES, José de Sousa Miguel. Cultura acústica e cultura letrada: o sinuoso percurso da literatura em Moçambique. In: LEÃO, Ângela Vaz (Org.) *Contatos e Ressonâncias – Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Minas Gerais: Ed. PUCMinas, 2003, p. 265-310.
- MENDONÇA, Fátima. Literatura Moçambicana: um percurso – da assimilação à libertação. In: *Agália Revista da Associação Galega da Língua*: 5:69-74, 1986.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. Contextos cosmopolitas: missões católicas, burocracia colonial e a formação de Moçambique (notas de uma pesquisa em andamento). In: FRY, Peter (Org.) *Moçambique – Ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001, p. 135-153.